

Apontamentos sobre a obra e o homem que fundou a primeira Escola de Enfermagem de Portugal – António Augusto da Costa Simões

Notes about the work and the man who founded first Portugal's Nursing School - António Augusto da Costa Simões

Lúcia Marlene Macário Lopes*
Manuel Alves Rodrigues**

Resumo

António Augusto da Costa Simões fundou, em 1881, a primeira Escola de Enfermagem Portuguesa com o objectivo de formar enfermeiros para a crescente complexidade dos cuidados de saúde a que se assistia na época.

A Escola que dava na altura pelo nome de Escola dos Enfermeiros de Coimbra acabaria por estar na génese da actual Escola Superior de Enfermagem de Coimbra (ESENfC).

Com o presente artigo, procuramos destacar e homenagear o homem, clínico, professor, cientista, político e reformador que foi o Professor Doutor António Augusto da Costa Simões, dando a conhecer o seu percurso de vida, contemplando os principais aspectos que o destacaram na sua época.

As fontes consideradas para a realização deste trabalho reportam às publicações existentes no arquivo da ESENfC, da autoria de Costa Simões, e a algumas publicações relacionadas com esta personalidade e com a Enfermagem em Portugal.

António Augusto da Costa Simões foi um homem empenhado e interveniente na comunidade, que somou uma sólida carreira científica ao desempenho de importantes cargos, deixando uma vasta obra escrita, resultante da intensa actividade que desenvolveu, praticamente, até ao fim da sua vida.

Palavras-chave: Enfermagem; Ensino; Biografia.

* Enfermeira, Hospital de S. Teotónio, E.P.E., Viseu; Colaboradora da UICISA-dE. E-mail: llopes@esenfc.pt

** Prof. Coordenador c/ Agregação, ESENfC; Coordenador Científico da UICISA-dE; Editor Chefe da Revista Referência

Abstract

António Augusto da Costa Simões founded, in 1881, the first Portuguese Nursing School, aiming to educate nurses for the increasing complexity of health care at that time.

The school, named Escola dos Enfermeiros de Coimbra, turned out to be the genesis of present-day Escola Superior de Enfermagem de Coimbra (ESENfC).

In this article we highlight and honour the man, clinician, teacher, scientist, politician and reformer, Professor Antonio Augusto da Costa Simões, showing his life course and the main aspects which made him notable at that time.

To carry out this work, we considered Costa Simões' publications held in the ESENfC archive and some other publications related to Nursing in Portugal.

António Augusto da Costa Simões was strongly involved in the community, allying a solid scientific career to several important positions. He left a wide written legacy as a result of the intense activity, carried on almost to the end of his life

Keywords: Nursing; Education; Biography.

Introdução

A 8 de Novembro de 1881, o jornal *A Correspondência de Coimbra*, noticiava a inauguração da primeira Escola de Enfermagem Portuguesa, em 17 de Outubro desse mesmo ano, nos Hospitais da Universidade de Coimbra.

A Escola, fundada pelo Professor Doutor António Augusto da Costa Simões, dava pelo nome de Escola dos Enfermeiros de Coimbra e, volvidos todos estes anos até à actualidade, acabaria por estar na génese da actual Escola Superior de Enfermagem de Coimbra (ESENfC).



A criação desta escola representa um marco importante, decisivo e incontornável, naquele que foi o percurso de construção, evolução e solidificação da Enfermagem enquanto profissão.

Considerando o passado como exemplo para o futuro, torna-se pertinente uma breve análise da história do fundador da primeira Escola de Enfermagem Portuguesa, homem de reconhecido mérito na vida académica e institucional de Coimbra.

As fontes consideradas para a realização deste trabalho reportam às publicações existentes no arquivo da ESENfC, da autoria de Costa Simões, e a algumas publicações relacionadas com esta personalidade e com a Enfermagem em Portugal.

Com o presente artigo, procuramos destacar e homenagear o homem, clínico, professor, cientista, político e reformador que foi o Professor Doutor António Augusto da Costa Simões, dando a conhecer o seu percurso de vida, contemplando os principais aspectos que o destacaram na sua época.

De acordo com este objectivo, estruturámos o artigo em cinco capítulos, referindo-se cada um deles a diferentes dimensões da vida de Costa Simões: origem; académico, clínico e investigador; político;

criador e reformador; o último capítulo.

No primeiro capítulo, faz-se referência à sua génese e percurso inicial de vida. No segundo capítulo explicita-se o seu prodigioso percurso académico e no terceiro a sua curta, mas activa, intervenção enquanto político. No capítulo “criador e reformador”, dá-se a conhecer uma das facetas mais marcantes de Costa Simões, nos vários contextos sobre os quais se debruçou, incluindo-se neste capítulo o subcapítulo: o ensino da Enfermagem, no qual se dá especial destaque ao papel do médico na criação do ensino da Enfermagem, em Portugal. O último capítulo refere-se a uma breve análise do período final da vida de Costa Simões.

1. Origem

António Augusto da Costa Simões, filho do alferes do exército Francisco José Simões, natural de Almofala de S. Pedro, Figueiró dos Vinhos, e de Teresa Justina de Jesus, natural da Mealhada, nasceu a 23 de Agosto de 1819, em Moinhos do Reconco, então freguesia da Vacariça.

Iniciou os seus estudos pré-universitários na extinta Escola de Latim, Teologia e outras disciplinas, da paróquia e então sede de concelho da Vacariça, hoje pertencente ao concelho da Mealhada.

Desde muito cedo que os mais próximos lhe reconheceram traços singulares de personalidade, que mais tarde o viriam a distinguir. As publicações de sua autoria, bem como as que a ele se referem, remetem-nos para o espírito criativo e inovador, perseverança e teimosia, aliadas a uma tendência incessante para corrigir tudo aquilo que entendia ser passível de melhoria.

Em 1835, matriculou-se nas faculdades de matemática e filosofia, frequentando o curso preparatório para medicina, da Universidade de Coimbra, que na altura demorava oito anos (primeiro ano de matemática, seguido de três anos de filosofia e os restantes quatro de medicina). Terminou o curso em 1843, com 24 anos de idade, começando desde logo a exercer a profissão.

2. Académico, clínico e investigador

Entrou para a faculdade de medicina em 1838 e logo no terceiro ano foi distinguido com um prémio, em reconhecimento da sua dedicação e talento.

Em 1843, terminou a licenciatura em medicina, sendo logo nomeado para o partido médico Municipal de Cinco - Villas, posição que acumulou com o partido municipal de Figueiró dos Vinhos e exerceu até 1852. Salienta-se que, na altura, *partido municipal* referia-se ao atendimento dos munícipes pobres pelo médico, em troca de um vencimento assegurado pelo concelho.

Continuou os estudos, interrompendo o exercício clínico em Cinco Villas e Arega para frequentar o ano complementar da licenciatura em medicina, doutorando-se em medicina a 16 de Julho de 1848, com 29 anos de idade.

Referindo-se a este facto, Augusto Rocha, professor Doutor da faculdade de Medicina, *apud* Abreu (1883, p.31), escreve no Jornal da época "*Coimbra Médica*": "*Não foi sem amarguras que o Dr. Costa Simões logrou doutorar-se. A história lança generosamente um véu sobre a guerra mesquinha que lhe moveram aquelles a quem porventura incommodava já a longínqua e indecisa perspectiva d'um nome aureolado e célebre.*"



Em Outubro de 1852 foi nomeado demonstrador da cadeira de Matéria-médica e Farmácia da Faculdade de Medicina e, em Dezembro do mesmo ano, foi despachado Físico-mor do Estado da Índia, lugar que resignou. Em substituição, foi-lhe conferido, em 1854, o lugar de lente substituto ordinário da Faculdade de Medicina.

A sua postura na ciência sempre se destacou por um espírito inovador e uma forte vontade de romper com

a tradição e rotinas instaladas nos meios académicos. Em 1860, foi nomeado professor catedrático da cadeira de Anatomia Descritiva da faculdade de Medicina e, em 1863, fruto da sua intensa teimosia e perseverança, foi finalmente criada a sua tão desejada e reivindicada cadeira de Histologia e Fisiologia Geral, da qual foi nomeado professor catedrático.

Ilustrando o avanço científico do homem e da sua obra na época, note-se que só um ano depois é que esta cadeira foi criada na Faculdade de Medicina de Paris (Salgado, 2003).

No ano subsequente, escreveu, para ser adoptada na cadeira, uma das suas mais importantes obras científicas, *Elementos de Fisiologia Humana com histologia correspondente*, constituída por 3 volumes.

Em 1864, com vista à introdução do ensino experimental da medicina em Portugal e o estudo da Histologia, o governo deferiu o pedido de Costa Simões para visitar os principais institutos médicos da Europa, tendo viajado durante dois anos por França, Bélgica, Holanda, Suíça, Áustria e Alemanha, observando e trabalhando com os mestres nos laboratórios.

Após o seu regresso, utilizou o material que encomendou durante a viagem para organizar, em Coimbra, os laboratórios de microscopia e fisiologia, considerados na altura os mais evoluídos da Europa, introduzindo, desta forma, a escola experimental em Portugal.

Entre 1866 e 1882, ensinou nestes laboratórios as técnicas mais modernas de Histologia e Fisiologia Geral, que lhe valeram a consideração dos mais reputados cientistas da época e o epíteto de primeiro histologista e fisiologista português e fundador da primeira escola experimental em Portugal.

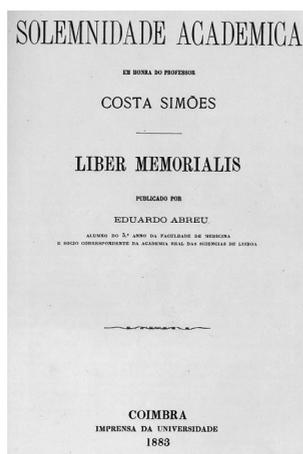
A este propósito, viria a escrever em 1907, o professor doutor Sobral Cid, na sua "Oração da Sapiência" *apud* Salgado (2003, p.31): "*Na realidade, a nova era da Faculdade de Medicina data de 1886, da longa e curiosa viagem científica que o emérito professor Dr. António Augusto da Costa Simões, o primeiro fundador intelectual da Faculdade Moderna, realizou pelos centros universitários . . .*".

Após esta etapa da sua vida, são frequentes os galardões e títulos honoríficos nacionais e internacionais, oferecidos a Costa Simões: sócio honorário do Retiro Literário Português do Rio de Janeiro e do Instituto Pernambucano; sócio correspondente da

Academia Real de Medicina de Turim, da Sociedade Antropológica Espanhola de Madrid, de Paris e da Academia Real das Ciências de Lisboa; presidente honorário da Sociedade União Médica do Porto; membro benemérito da Sociedade Farmacêutica Lusitana; comendador da Ordem da Rosa do império do Brasil; presidente do Instituto de Coimbra.

No final do ano lectivo de 1881/1882, Costa Simões pediu a jubilação do ensino oficial da Universidade de Coimbra, dando termo a uma actividade de 30 anos de docência na Faculdade de Medicina, e terá sido nesta altura que, muito para além das capacidades científicas e políticas, as capacidades pedagógicas e de relacionamento com os alunos possuídas pelo professor, foram exaltadas.

A ilustrar o facto, evidencia-se a manifestação feita pelos alunos, em ocasião da sua Jubilação, noticiada pela revista *Coimbra Médica*, que culminou numa sessão solene, em 1883, promovida por todos os alunos dos cinco anos do curso médico de 1881/1882, desencadeada por iniciativa do seu discípulo, Dr. Eduardo Abreu, que viria a ser professor catedrático de medicina e Ministro da Marinha no governo da 1ª República.



Nesta ocasião, os alunos ofereceram ao seu Mestre um álbum que continha a fotografia de todos eles, bem como uma cerimónia solene, à qual o homenageado, por questões de humildade, optou por não assistir. O evento ficou documentado na publicação de 1883, *Solenidade Académica em honra do professor Costa Simões. Liber Memorialis*, redigida por Eduardo Abreu, na altura aluno do 5º ano de Medicina. Em 1886, o governo concedeu ao professor jubilado a comenda de Ordem de S. Tiago do mérito científico,

literário e artístico, à qual Costa Simões renunciou por falta de meios económicos para pagar os respectivos direitos.

Apesar da jubilação, a carreira pública de grande cientista e reformador acabaria por culminar, em 1892, na nomeação de Costa Simões para o importante cargo de reitor da Universidade de Coimbra.

Homem de ideais políticos, sempre procurou manter uma conduta orientada pela rectidão de carácter, austeridade de procedimentos e independência de espírito.

Optou por tratar os problemas estudantis de uma forma humanista, e até mesmo paternalista, não colocando, no entanto, em causa a autoridade que lhe era inerente, nem a defesa dos interesses públicos da Universidade.

Apesar da competência e dedicação que imprimiu ao cargo, Costa Simões viu-se envolto na teia do rotativismo político da época, pelo que, no início do governo dos Progressistas da Monarquia Constitucional, em 1898, quase seis anos decorridos de exercício efectivo como Reitor, foi demitido do cargo.

A demissão terá estado relacionada com a sua não cedência a pressões internas e políticas e ao facto de ter acolhido e protegido os estudantes da pressão das autoridades policiais.

Após a demissão, aos 79 anos de idade, Costa Simões refugiou-se na sua casa da Mealhada, prosseguindo com os seus estudos.

Produto da sua intensa atitude de pesquisa e investigação, Costa Simões deixou uma extensa e vasta obra escrita, de carácter monográfico e na forma de artigos, publicados nos jornais *O Tributo Popular* e *O Conimbricense*, e nas revistas *O Instituto*, *Coimbra Médica* e *Movimento Médico*.

A relação das suas publicações em livros e folhetos, desde 1848 a 1901, está documentada pelo próprio, na sua publicação de 1901, *Os meus estudos (as minhas publicações, em livros e folhetos, desde 1848 a 1901)*.

3. Político

Embora não muito longa, também na sua carreira política Costa Simões imprimiu o carimbo da reforma e inovação.

Filiado no Partido Republicano, do qual era elemento activo, no desempenho das funções públicas sempre

procurou demonstrar independência em relação à política militante.

Em Novembro de 1865, quando desempenhava o cargo de Director do hospital dos coléricos (Hospital da Conceição), foi eleito presidente da Câmara Municipal de Coimbra, cargo que ocupou durante dois anos.

A curta duração do cargo não foi impedimento para que a gerência de Costa Simões se destacasse nos domínios da saúde pública, nomeadamente com a construção e reabilitação sanitária dos cemitérios e com a reformulação do abastecimento de águas à cidade de Coimbra, que passou a contar com canalização, elevação das águas do Mondego e abastecimento de água potável.

Note-se que, até à data, não havia distribuição de água ao domicílio em Coimbra e, nos locais de consumo mais substancial, como é exemplo o hospital, o transporte era feito de pipa puxada em carro de bois desde o rio Mondego.

Em 1868, Costa Simões foi eleito para membro do Parlamento Português. Fruto da confiança que cultivou nas pessoas, enquanto exercia funções no partido médico de Cinco Vilas, Costa Simões foi eleito pelo círculo de Figueiró dos Vinhos, tendo desempenhado o cargo durante três mandatos.

Em Maio de 1870, resignou ao seu mandato de Deputado e regressou a Coimbra, dando por concluída a sua carreira política.

4. Criador e Reformador

Homem de forte carácter, acabaria por deixar impresso em todas as actividades que desenvolveu ao longo da vida, os traços mais singulares da sua personalidade.

Durante o exercício no partido médico Municipal de Cinco – Villas, entre 1843 e 1852, e como resultado das suas observações científicas e conhecimento profundo da comunidade e da região, Costa Simões redigiu uma obra científica, notável para a época e para a região, denominada *Topografia Médica das Cinco Villas e Arega*.

A publicação constituiu-se, ainda hoje, como uma obra de referência muito consultada, devido aos vários ensinamentos históricos que fornece relativos àquela zona, desde os primórdios da nacionalidade. Referimo-nos à inventariação dos seus habitantes e dos seus hábitos de vida; à pormenorizada carta

geológica e mapa topográfico que contém, com discriminação das doenças mais predominantes, suas causas e métodos de cura mais aconselhados; bem como aos movimentos demográficos da época.

Para além desta obra, Costa Simões dedicou-se nesta época à pesquisa e investigação de documentos perdidos em arquivos e bibliotecas, à sua compreensão histórica e relacionamento com a lenda e a tradição, do qual adveio a recuperação de várias obras esquecidas. Acabou, desta forma, por impulsionar grandemente o património histórico português, especialmente o da região centro.

A notoriedade das suas capacidades enquanto investigador, determinou que a Faculdade de Medicina de Coimbra lhe confiasse a organização da sua biblioteca especial, escolhendo o que considerasse melhor de mais de cem mil volumes que tinham pertencido a congregações religiosas, existentes nos salões do Colégio das Artes.

Em 1850, com 30 anos de idade e antes de iniciar actividades de docência na Universidade de Coimbra, encetou a sua primeira grande reforma no concelho da Mealhada. Apresentou à Câmara Municipal da Mealhada o seu primeiro plano de reforma dos Banhos do Luso.

A reforma subsequentemente desenvolvida, permitiu que o Luso passasse a ser procurado por pessoas de todo o país para cura de doenças da pele e reumatismas, e a ser considerado o único centro termal em Portugal, o que acabou por estar na base de um profundo desenvolvimento a que esta localidade assistiu posteriormente.

A reforma dos Banhos do Luso, iniciada por Costa Simões, esteve ainda na origem da actual Sociedade da Água de Luso (SAL), considerada uma das principais empresas de água do país.

O intenso estudo que dedicou às aplicações clínicas, reabilitação, melhoria das condições sanitárias e à divulgação das virtudes terapêuticas das águas do Luso, estão documentados na sua obra de 1859, *“Notícia dos Banhos de Luso”*.

Em 1852, foi um dos sócios fundadores do *Instituto*, uma Academia Científica em Coimbra, que publicou durante vários anos uma revista científica e literária, com o mesmo nome, que reunia a colaboração dos principais homens da ciência e da literatura nacionais, da época.

Foi nesta revista que Costa Simões publicou alguns dos seus trabalhos científicos e artigos de alcance

histórico, relacionados com os estudos que fez no concelho da Mealhada.



A partir de 1853, iniciou os estudos na área que viria a ser a sua grande paixão e que o tornou, na época, o maior especialista em Portugal e um dos mais considerados da Europa, em construções e regime sanitário e administrativo dos hospitais.

Com a invasão da Europa pela *cólera-morbus* e após os primeiros indícios desta doença em Portugal, em 1855, Costa Simões foi nomeado pela Faculdade de Medicina para dirigir o Hospital dos coléricos, conhecido por Hospital da Conceição.

A eleição inesperada para presidente da Câmara Municipal de Coimbra, levou-o a interromper o exercício deste cargo em Novembro do mesmo ano, mantendo-se como Presidente da Câmara durante dois anos.

Enquanto Presidente da Câmara Municipal de Coimbra, levou a cabo várias obras no domínio da Saúde Pública, das quais destacamos a construção e reabilitação sanitária dos cemitérios e, aquele que foi considerado um dos mais arrojados empreendimentos do século XIX, a estruturação do abastecimento de água potável à cidade de Coimbra.

Recorrendo aos ensinamentos científicos adquiridos na primeira viagem de estudo à Europa, estruturou o abastecimento de água à cidade, com a canalização e elevação das águas do Mondego.

Desde a concepção até à efectiva concretização deste projecto, Costa Simões investiu 17 anos da sua vida.

Em Julho de 1870 e na sequência das capacidades demonstradas, Costa Simões foi nomeado administrador dos Hospitais da Universidade de Coimbra (HUC).

O estado em que encontrou esta instituição era de verdadeira calamidade, o que, desde logo, o levou a colocar em curso a reforma que vinha teorizando desde 1853, em várias publicações científicas de sua autoria: *Hospitais da Universidade de Coimbra; Projecto e sua rectificação dos Regulamentos internos dos Hospitais da Universidade de Coimbra; A grande Penúria dos Hospitais da Universidade; Notícia históricas dos Hospitais da Universidade; Dietas e rações; Anotações aos Regulamentos internos dos hospitais; A reconstrução dos Hospitais da Universidade; A minha administração dos Hospitais da Universidade nos primeiros doze annos depois da sua reforma; Factos accidentaes da minha administração dos Hospitais da Universidade.*

A reforma foi feita de acordo com os seus estudos económicos e as mais modernas regras de salubridade e higiene em uso na Europa.

O exercício desta função foi particularmente exigente, na medida em que teve que combater interesses pessoais há longos anos instalados, tanto por parte de alguns funcionários mais antigos, como por parte da igreja.



Se este combate era, por si só, complexo, a ruptura financeira que o país atravessava na altura dificultava ainda mais os objectivos do Mestre, o que o levou a architectar a sua reforma tendo em conta não só os donativos públicos, mas também donativos pessoais, que conseguiu recolher na sua rede de amizades.

Em 1878, iniciou a segunda viagem científica pela Europa, visitando os melhores laboratórios de Espanha, Itália, Suíça, França e Inglaterra.

Para além da investigação de matéria relacionada com a cadeira que leccionava e aquisição de novos aparelhos laboratoriais, Costa Simões aprofundou o estudo acerca de administração hospitalar, para posteriormente o poder aplicar nos HUC.

Durante este ano, publicou ainda o livro *Histologia dos Músculos*, fruto dos longos anos de pesquisa microscópica que desenvolveu.

Entre 1882 e 1883, Costa Simões suspendeu a sua administração dos HUC, para atender ao pedido da Santa Casa da Misericórdia do Porto, de reformar o Hospital de Santo António.

Treze meses após o início da reforma, deu-a por concluída, com o elogio da Escola Médica e da corporação clínica do estabelecimento.

No seguimento de vários ataques à sua vida pública, publicou, em 1884, um folheto intitulado *Ajusta defesa de uma agressão injusta*, acabando posteriormente por pedir a demissão da administração dos Hospitais, após 16 anos de completa dedicação.

O conflito que deu origem à sua demissão, relacionou-se com uma encomenda de carne aos talhantes de Aveiro, para fornecer os HUC, devido aos preços exorbitantes praticados pelos talhantes de Coimbra.

A polémica foi intensamente divulgada pela imprensa da época, mas acabou por ser resolvida juridicamente a favor de Costa Simões.

Em 1885, documentou este episódio da sua vida na publicação: *As Prepotências de Coimbra, no Conflito da Carne de Aveiro*.

Após a demissão, Costa Simões fixou-se na sua casa da Mealhada, onde continuou os seus estudos sobre construções e regime sanitário e administrativo dos hospitais, mantendo-se sempre actualizado sobre as técnicas praticadas na Europa.

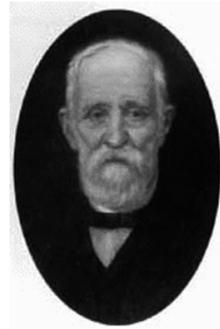
O reconhecimento das suas capacidades e experiência, levaram-no a colaborar na elaboração dos planos e construção de todos os hospitais do país que nessa época tinham obras em execução ou estavam em vias de serem iniciadas.

Em 1890, oito anos após a jubilação, pediu autorização ao governo para a sua terceira viagem à Europa (a última havia-se realizado 12 anos antes), solicitando que as despesas desta fossem totalmente suportadas pelo governo, pois já não possuía condições económicas para suportar este encargo, como havia feito nas duas anteriores viagens.

A viagem foi aprovada e, ao longo de três meses, do ano de 1891, Costa Simões visitou 69 estabelecimentos hospitalares, de Espanha, França, Bélgica e Alemanha. Da viagem resultou um relatório publicado em três volumes: *Reconstruções e novas construções dos hospitais da Universidade de Coimbra; Hospitais*

Portugueses de construção moderna e Hospitais estrangeiros de construção moderna.

O seu profundo conhecimento da matéria, levou a que, no início de 1892, fosse chamado a integrar a Comissão dos Hospitais, criada com o objectivo de promover a construção de um novo edifício para o HUC.



Após a demissão de reitor da Universidade de Coimbra, em 1898, Costa Simões ainda tentou prosseguir os seus estudos de Histologia e Fisiologia Geral, uma vez que tinha construído em sua casa um laboratório. Faltavam-lhe, no entanto, os microscópios e aparelhos adequados, bem como o dinheiro para os poder adquirir.

Por esta altura multiplicaram-se as manifestações de simpatia pela sua pessoa, nomeadamente por parte dos estudantes, que o ajudaram a ultrapassar esta fase conturbada da sua existência.

A sua inteligência, espírito criativo e inovador, perseverança e teimosia, aliadas à sua pequena estatura, nutrição fraca, barba e cabelos alvos, sorriso límpido e olhar meigo e sereno, determinariam que os seus alunos carinhosamente o denominassem como “Sábio”.

No ano de 1900, Costa Simões ainda tentou realizar a sua quarta viagem de estudo à Europa, no sentido de actualizar os seus trabalhos já publicados.

A proposta teve parecer negativo do ministro do reino e Costa Simões viu assim vedada a possibilidade de empreender uma última viagem científica pela Europa, pois já não possuía, na altura, condições económicas para a custear.

4.1. O ensino da Enfermagem em Portugal

Acérrimo defensor da administração técnica dos hospitais por médicos, em vez de por licenciados em direito, Costa Simões defendia também o exercício

da enfermagem por enfermeiras e não por freiras, tal como se verificava já pela Europa.

Em várias das suas publicações, nomeadamente na obra *A minha administração dos Hospitais da Universidade*, manifestava-se contra a actividade das ordens religiosas na assistência pública.

A sua posição dizia não derivar de questões religiosas, fundamentando-a na opinião de que as freiras se demonstravam algo descuidadas no cumprimento das regras de higiene hospitalar e medicação dos doentes, sendo mais receptivas às ordens dos capelães do que às prescrições médicas.

Contextualize-se que no país vigorava, desde 1833, legislação que proibia a presença de ordens religiosas, em Portugal. No entanto, por esta altura, a presença de um grupo de Irmãs apoiadas por alguns membros da família real, pelo alto clero e por alguns aristocratas e burgueses, levou a que o poder político acabasse por tolerar a sua presença (Silva, 2008).

Costa Simões mostrava-se desgostoso em relação a esta situação, lamentando que “...*enquanto os outros países lutavam e resistiam contra o serviço hospitalar prestado pelas Irmãs da Caridade, Portugal procurasse importar essa modalidade para os seus hospitais.*” (Silva, 2008, p.25).

Apesar de toda esta polémica, nos finais do século XIX, não existia pessoal religioso a desempenhar funções de enfermagem em nenhum dos principais hospitais portugueses.

Era de assinalar, no entanto, a falta de pessoal de enfermagem em relação ao avultado número de doentes nas enfermarias, bem como a pouca formação que os existentes possuíam, em virtude de não lhes serem exigidos conhecimentos técnicos na admissão, nem prestado qualquer tipo de ensino posterior.

Estes problemas derivavam, no entanto, de uma situação conhecida: a baixa remuneração dos enfermeiros, nesta época.

Enquanto administrador dos Hospitais da Universidade, Costa Simões queixava-se de que, com os vencimentos em vigor, não conseguia completar o quadro de enfermeiras, ajudantes e praticantes.

Por este motivo, enviou várias propostas para o Ministério do Reino, solicitando o aumento do número de empregados da Instituição, bem como, e especialmente, o seu vencimento. As suas propostas foram, apesar de tudo, indeferidas.

A necessidade de pessoal de enfermagem competente e com formação era, no entanto, evidente, face ao novo

contexto científico e médico da época, e à complexidade crescente dos cuidados de saúde e da vertente administrativa e organizacional do sistema hospitalar.

Com o objectivo de institucionalizar o exercício da enfermagem secular nos hospitais, constituiu, em 1881, a Escola dos Enfermeiros de Coimbra, fundando assim a primeira escola de Enfermagem do país.

O jornal da época “*Correspondência de Coimbra*” noticiou o facto, evidenciando a primeira lição dada pelo professor Doutor Ignácio Rodrigues da Costa Duarte, braço direito de Costa Simões, na qual terá reunido todos os enfermeiros, fazendo-lhes ver as vantagens que poderiam advir de uma instrução apropriada, embora reconhecesse as dificuldades intrínsecas à profissão.

Em Paris, desde a década de 70 que estavam a funcionar escolas de enfermeiros, com o propósito de habilitar pessoas, estranhas a ordens religiosas, que substituíssem as irmãs de caridade nos hospitais.

Embora com propósitos diferentes, a criação da Escola de Enfermagem em Coimbra parecia ter potencialidades para suprir a necessidade de pessoal habilitado para trabalhar nas enfermarias.

Segundo o próprio Costa Simões, as proporções da escola eram limitadíssimas: existia apenas uma cadeira de serviços de enfermaria e três cadeiras preparatórias - de instrução primária, de português e de tradução de língua francesa (para habilitar os enfermeiros a ler os manuais que havia já publicados em França) (Simões, 1888).

As aulas decorriam nas instalações dos Hospitais da Universidade e o seu financiamento foi inteiramente assegurado pelo médico.

Uma sucessão de factos, desde a jubilação de Costa Simões, à sua ausência em comissões de outros hospitais do país, bem como a doença que incapacitou o seu amigo de longa data Dr. Ignácio, impediu a evolução da escola de enfermagem que havia fundado.

Na sua publicação de 1888, referente à administração dos HUC, Costa Simões referiu-se a este facto da seguinte forma:

“Terminou (...) o meu serviço de administrador dos hospitaes da universidade, sem que tivesse realizado o meu desejo do restabelecimento e da reforma d’esta modesta escola. Na actualidade apenas tem por si a lisongeira nota de ter sido a iniciadora das outras escolas de enfermeiros (...), e d’outra que terá de substituir aquella nos hospitaes da universidade,

n'um futuro que não se deixará esperar por muito tempo." (Simões, 1888,p.340).

Só em 1919, com a publicação do Decreto nº5.736, foi organizada a Escola de Enfermagem de Coimbra, por ocasião da reorganização dos serviços dos Hospitais da Universidade de Coimbra (Silva, 2008).

O enfermeiro José Pinto Teles refere-se a este facto afirmando que só nesta altura a enfermagem adquiriu verdadeira personalidade profissional, considerando também que a sua regulamentação teve efeitos revolucionários para a enfermagem do centro do país, criando condições indispensáveis à sua elevação mental e preparação técnica (Teles, 1953)

Em 1931, a Escola de Enfermagem dos Hospitais da Universidade de Coimbra adoptou a designação de Escola de Enfermagem do Dr. Ângelo da Fonseca. Mais tarde, e em consequência da integração do ensino de Enfermagem no ensino superior, esta instituição adoptou a nomenclatura de: Escola Superior de Enfermagem Dr. Ângelo da Fonseca.

No entanto, tal como foi referido em comunicação apresentada a 17 de Outubro de 2001, por ocasião do dia da Escola e abertura solene das Aulas, pelo então Director da Escola Superior de Enfermagem Dr. Ângelo da Fonseca, Aníbal Custódio dos Santos, o Dr. Costa Simões é considerado o fundador da Instituição (Santos, 2001).

A escola foi sofrendo sucessivas mudanças e reformas, à luz do contexto político e científico das épocas que foi atravessando.

Em 1998, no âmbito do Plano Nacional de Desenvolvimento Económico e Social de 2000-2006, definido pelo XIII Governo Constitucional, que considerava a necessidade de um salto qualitativo no desenvolvimento dos recursos humanos, iniciou-se o processo de fusão das Escolas de Enfermagem de Coimbra: a Escola Superior de Enfermagem Dr. Ângelo da Fonseca e a Escola Superior de Enfermagem de Bissaya Barreto (Bento, 2006).

A Escola Superior de Enfermagem de Bissaya Barreto foi criada pela Portaria nº. 231/71, de 3 de Maio, então Escola de Enfermagem de Bissaya Barreto, como serviço oficial do Ministério da Saúde e Assistência dotado de autonomia técnica e administrativa, para funcionar junto ao Centro Hospitalar de Coimbra cujas necessidades de pessoal de enfermagem lhe competia satisfazer. Em 30 de Junho do mesmo ano é publicitada no Diário da República, II Série, nº. 152 a constituição

da Comissão Instaladora responsável por dar vida a uma obra que apenas existia no papel, tendo como presidente o seu fundador - Prof. Doutor Fernando Baeta Bissaya Barreto Rosa .

Em 2006, as duas Escolas Superiores de Enfermagem fundiram-se, dando origem à actual Escola Superior de Enfermagem de Coimbra.

Poderá dizer-se que, aquela que é a história da Enfermagem em Portugal, desde a formação inicial de enfermeiros, à constituição da Enfermagem enquanto disciplina, se confunde em grande medida com a história desta Instituição.

Marco notável na formação por excelência de Enfermeiros, ao longo dos anos, poderá pressupor-se um importante contributo desta Instituição na melhoria da saúde do país.

Não obstante a grandeza deste (e)feito, a Escola é também uma referência em termos de promoção e desenvolvimento da investigação em Enfermagem, divulgação do conhecimento científico produzido e melhoria da qualidade do processo de ensino/aprendizagem.

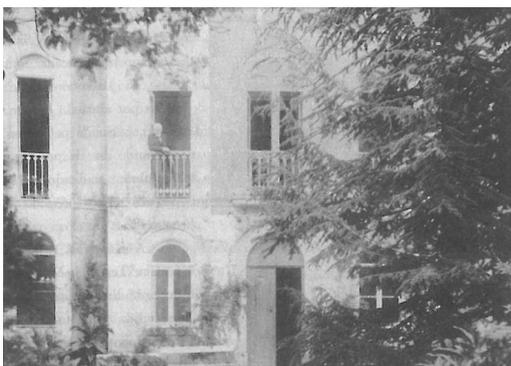
À semelhança do seu mentor e fundador, que sempre se destacou pelo espírito inovador e renovador, de incessante e incansável busca do conhecimento, com determinante resiliência e perseverança, assim tem sido escrita a história da primeira escola de Enfermagem Portuguesa.

5. O último capítulo

O trabalho incessante do Mestre, ao longo da sua vida, na satisfação das necessidades públicas, sem, na maioria das vezes, cobrar honorários, investindo, em boa parte dos casos, os seus próprios recursos, não tiveram, no entanto, o retorno merecido.

Aos 84 anos de idade, analisando a sua condição, confessa que "(...) *quando devia ter recompensa de tão desinteressadas canseiras, estava lutando com falta de meios para a manutenção do meu modesto viver.*" (Costa Simões *apud* Salgado, 2003, p.91).

Após 56 obras científicas e académicas publicadas e uma carreira científica internacionalmente reconhecida, o sábio e filantropo médico português deparou-se com a impotência face às dificuldades económicas que atravessava, que determinavam não só o fim da sua actividade de investigação, mas colocavam também em causa a dignidade do seu viver.



Faleceu, na sua casa da Mealhada, a 26 de Novembro de 1903, com 84 anos de idade, saboreando o gosto amargo da impotência perante a sua condição.

No cortejo fúnebre, entre emotivas manifestações de operários e académicos, que não quiseram deixar de acompanhar o Mestre à sua última morada, aquele que viria a ser o último Presidente da 1ª República, Dr. Bernardino Machado, proferiu as seguintes palavras no seu discurso fúnebre:

“O que um só homem pode fazer pela nação, à força de imperterrito labor e de inabalável fé no seu ideal, demonstrou-o o Dr. António Augusto da Costa Simões (...). A prodigiosa actividade daquele rijo espírito marca, pela sua orientação moderna, liberal e altruísta, uma época de profunda renovação do ensino e de importantíssimo desenvolvimento da assistência pública do país. (...) Assim se reconhecem, meus senhores, os grandes homens; que teem de ser grandes, sobretudo pelo seu poder de atracção e de solidariedade social.” (Salgado, 2003, p.92).

Desaparecia assim um dos maiores vultos intelectuais do século XIX, que dedicou toda a sua vida à ciência, à saúde, e acima de tudo, ao desenvolvimento da sua terra.

Conclusão

Costa Simões foi um homem empenhado e interveniente na comunidade, que somou uma sólida carreira científica ao desempenho de importantes cargos administrativos a nível Municipal, Universitário e Hospitalar.

Deixou uma extensa e vasta obra escrita, resultante da intensa actividade que desenvolveu em vários domínios, praticamente até ao fim da sua vida.

A obra inclui manuscritos e vários trabalhos impressos, quer de carácter monográfico, quer na forma de artigos publicados em diversos periódicos.

Foi desta personalidade que surgiu a acção perante a falta de formação dos Enfermeiros em Portugal, bem como as precárias condições de trabalho que enfrentavam.

Para além das várias tentativas de alterar a condição dos enfermeiros, junto do Ministério do Reino, fundou a primeira Escola de Enfermagem Portuguesa, com o objectivo de capacitar os enfermeiros para a crescente complexidade dos cuidados de saúde a que se assistia, a par da evolução da ciência e da Medicina.

Com este trabalho procurámos homenagear o fundador da nossa Instituição, dando mais uma vez a conhecer o Homem e a grandiosidade da sua obra e acreditamos que, enquanto Instituição de Ensino e Investigação, a nossa história e o nosso presente, reflectem a grandiosidade do nosso fundador, determinando que assim continue a ser no futuro.

Bibliografia

ABREU, Eduardo (1883) - **Liber memorialis : solennidade academica em honra do Professor Costa Simões**. Coimbra: Imprensa da Universidade.

BENTO, Maria da Conceição S. S. C. (2006) – Escola Superior de Enfermagem de Coimbra: A história de um percurso de fusão. **Referência**. ISSN 0874-0283. 2ª Série, nº 3, p. 73-77.

SALGADO, Nuno da Silva (2003) - **O Prof. Doutor Costa Simões: o passado como exemplo no futuro**. Coimbra: Imprensa da Universidade.

SANTOS, Aníbal Custódio dos (2001) – A Escola Superior de Enfermagem Dr. Ângelo da Fonseca: ontem, hoje e amanhã. **Referência**. ISSN 0874-0283. 1ª Série, nº 7, p. 43-50.

SILVA, Ana Isabel (2008) – **A arte de enfermeiro: Escola de Enfermagem Dr. Ângelo da Fonseca**. Coimbra: Imprensa da Universidade.

SIMÕES, A. A. Costa (1888) – **A minha administração dos Hospitais da Universidade: uma gerência de 15 anos sob a reforma de 1870**. Coimbra: Imprensa da Universidade.

TELES, José Pinto (1953) – **Subsídio para o estudo da evolução da enfermagem nos Hospitais da Universidade de Coimbra. (1942-1952) Dez anos de história dos Hospitais da Universidade de Coimbra sob a direcção do Prof. Doutor João Porto**. Coimbra: Casa de Pessoal dos HUC.